

CRISTÓVÃO, Fernando Alves. *Cruzeiro do Sul, a Norte: estudos luso-brasileiros*. Lisboa, Imprensa Nacional/Casa da Moeda, 1983. 522 p.

O programa editorial da Imprensa Nacional/Casa da Moeda é dos que atraem, irresistivelmente, os versos com os quais o nosso Castro Alves abençoa "o que semeia / livros, livros a mancheia / e manda o povo pensar". Trata-se de verdadeira *explosão bibliográfica*, expressão muito utilizada por documentalistas preocupados com o aumento exponencial do número de livros em todo o mundo: um fenómeno tão assustador quanto o da explosão demográfica, do qual pode ser apontado como consequência indireta.

Mas se é verdade que os livros publicados — como queria Ortega y Gasset em *Misión del Bibliotecário* — são, em sua maior parte, estúpidos ou inúteis, o caso da Imprensa Nacional/Casa da Moeda é uma exceção, pois o que vem saindo em suas diferentes coleções é sempre do mais alto interesse literário, científico e artístico. Destaco, por sua significação para as ciências sociais, entre outras obras, *Etologia e Ciências Humanas*, de Antônio Bracinha Vieira; *Estudos de Estratégia e Relações Internacionais*, de José Medeiros Ferreira; *Linguagem e Ser*, de José Enes; *Descobrimientos e Renascimento*, de Luís Felipe Barreto; *Garcia da Orta e o seu tempo*, do Conde de Ficalho; *Vilarinho da Furna, uma aldeia comunitária*, de Jorge Dias; *Religiões da Lusitânia*, de J. Leite de Vasconcelos; *Artesanato, Cultura e Desenvolvimento Regional*, de José Maria Cabral Ferreira.

Estes são apenas alguns exemplos que demonstram o elevado critério da Imprensa Nacional/Casa da Moeda na seleção tanto de obras contemporâneas como das antigas que vêm editando ou reeditando, todas com excelente padrão gráfico.

Também a obra supra-referenciada se destaca pelo conteúdo — textos do melhor ensaísmo em língua portuguesa — e pelo continente: uma brochura despretensiosa, mas desenhada por um mestre na *famosa arte da imprimeira*.

A obra do Professor Fernando Cristóvão é constituída, em grande parte, de estudos sobre autores brasileiros — Jorge Amado, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Cecília Meireles, Clarice Lispector e outros — e temas nacionais tratados por autores portugueses, como a Amazônia por Ferreira de Castro, a Abolição por José Agostinho de Macedo, etc. Dedicando-a a Vitorino Nemésio — "mestre inesquecível e difícil" — o Professor Fernando Cristóvão revela sua condição de assistente e continuador da meritória obra realizada na Faculdade de Letras da Universidade Clássica de Lisboa pelo grande romancista, poeta e ensaísta português, a quem consagra três dos estudos reunidos em *Cruzeiro do Sul, a Norte*; estudos nos quais analisa o autor de *Mal Tempo no Canal* como lúcido intérprete de paisagens brasileiras e admirável parafraseador de Carlos Drummond de Andrade.

Aos leitores de uma revista como *Ciência & Trópico* o estudo que mais deve interessar é o de abertura desta obra, no qual o autor trata da "literatura

como sistema nacional" (p. 13-43). Ensaio que revela ser o Professor Fernando Cristóvão não apenas crítico literário, mas sociólogo da literatura.

Ele rejeita os diferentes critérios até agora propostos para identificação de uma literatura como nacional – o lingüístico, o temático-estilístico, o jurídico-político e o histórico-geográfico – defendendo o da "literatura como sistema comunicativo". Vê-se logo que para o Professor Fernando Cristóvão a literatura, longe de ser "o sorriso da sociedade" da lamentável definição de Afrânio Peixoto, é um sistema no qual os "elementos em interação" de que fala Bertalanffy em obra já clássica – *General System Theory* – são os autores (emissores), as obras (mensagens) e os leitores (receptores). Assim, ao reducionismo de alguns critérios e ao determinismo de outros propõe o Professor Fernando Cristóvão uma aproximação abrangente: critério de quem soube completar sua especialização em Letras com o sábio generalismo de uma formação humanística.

Edson Nery da Fonseca

Universidade de Brasília/
Fundação Joaquim Nabuco

FREYRE, Gilberto. *Apipucos: que há num nome?* Ilustrações de Elezior Xavier. Recife, Editora Massangana, 1983, 82 p.

Em 26 capítulos o autor ocupa-se de aspectos históricos e paisagísticos, sobretudo paisagístico, desse lugarejo dos arredores do Recife onde sucederam-se velhos engenhos, substituídos hoje por olarias e serrarias. Olarias e serrarias contra as quais se insurge Gilberto Freyre, morador desse subúrbio há quase meio século. Alí nasceram com efeito, seus filhos Sônia Maria e Fernando Alfredo e seus netos.

Apipucos sempre foi uma espécie de Meca pernambucana para visitantes doutras terras. Compõe-se duma igreja – mantida no mesmo lugar da capela dos velhos engenhos –, de dois arruados paralelos, antigas casas grandes, hoje transformadas. No lugar mais alto de Apipucos levanta-se o Seminário dos Irmãos Maristas. A meia encosta do declive que vai até o açude esconde-se, num tufo de densa vegetação tropical, o solar de Santo Antônio de Apipucos, residência do castelão Gilberto Freyre. Com suas grossas paredes monacais, o solar de Santo Antônio de Apipucos comporta-se como um castelo medieval mergulhado na mata úmida. A casa dos Tassos, a de D. Dolores Salgado e a "Villa Anunciada" de Delmiro Gouveia com seus "jardins eurotropicais", são outras tantas relíquias dos tempos em que o subúrbio "mais saudável do Recife", era freqüentado como o Poço da Panela, e famoso pelos banhos de rio durante a estação quente.